



# O FAZEDOR DE HISTÓRIAS



Francisco José Viegas não é homem de se pôr em bicos de pés, nem mesmo agora que o seu romance *Longe de Manaus* ganhou o Grande Prémio da APE. «Não vou passar a fazer literatura», ironiza

ROSA RUELA

**A** CONVERSA HAVIA DE SER AO almoço, mais por gosto do que por falta de tempo. Desde que aceitou ser director da Casa Fernando Pessoa, os dias parecem-lhe curtos mas existem sempre as madrugadas que descobriu serem boas para se sentar ao computador e escrever. Está adiantado o novo romance – na Primavera leremos o que acontece ao seu detective de eleição, Jaime Ramos, na Terra de Fogo. E depois há ainda as crónicas no *Jornal de Notícias*, na *Elle* e na *Volta ao Mundo*, um programa sobre livros na Antena 1, mais outro na RTP, comentários sobre o Mundial de Futebol na rádio...

É assim há quase cinco meses, foi quase sempre assim. Isto quando não lhe dá para as insónias, para olhar o tempo de frente, esperar pela manhã e ler um livro como sugeria James Joyce. Ou publicar mais um *post* no seu blogue *A Origem das Espécies*, um vício assumido.

Diz que o Grande Prémio de Romance e Novela da APE 2005, que vai receber no sábado, 24, por *Longe de Manaus*, tem, pelo menos, a virtude de garantir aos filhos (Francisco, 13 anos, Manuel, 12, e Maria João, 7) não ter escrito mal este «romance policial com estados de alma».

A modéstia fica bem ao jornalista e escritor Francisco José Pereira de Almeida Viegas, 44 anos, aqui em discurso directo.

**VISÃO: Há 20 anos imaginava que estaria hoje a receber um prémio da APE?**

**FRANCISCO JOSÉ VIEGAS:** Nem me imagino daqui a dois anos! Quantas pessoas dizem: «Ah, prò ano hei-de...» Eu não tenho uma agenda, objectivos estratégicos.

**E há 20 anos estava onde?**

Era professor em Évora.

**Como é que de repente...**

Foi porque o António Mega Ferreira me convidou para chefe de redacção da *Ler*. Na altura trabalhava também no *Jornal de Letras*, achava que era bom ter dois empregos para poder mandar um dos patrões à merda. [risos] Entretanto, reunia materiais para a tese de mestrado, tudo certinho. Mas o Mega diz-me: vamos fazer uma revista de livros. E eu largo tudo.

**la perguntar-lhe como vai para professor.**

Vou para professor porque acabei o curso [de Estudos Portugueses]. Tinha estado na Universidade Nova, em Lisboa, e geria um restaurante em Algés. Ainda tenho um livro de linguística cujas marcas são notas de remessas de talho.

**Era um bocadinho esquizofrénico.**

Era repartido. Ia ao restaurante e depois a uma aula de literatura brasileira, saía do restaurante e estudava Chomsky. Entretanto, acabei o curso sem uma perspectiva clara daquilo que ia fazer. Podia ser o mestrado, tinha 18 de média... Mas vi um anúncio da Universidade de Évora, achei que era um lugar bonito e concorri. Ainda dei aulas de 1983 a 1987.

**A ida para o restaurante também já acontecera por causa de um anúncio?**

Não, aí havia uma relação de familiaridade com a pessoa que tinha o espaço. Chamava-se Gelfa, já não existe, mas ainda há quem se lembre de me ver a fazer bifés nas mesas ao jantar de sexta-feira.

**Já disse que há 20 anos não se projectava no futuro. E há 40 anos? O que queria ser o menino Francisco, quando fosse grande?**

Sei que durante o liceu queria ser jornalista. Mas foi uma infância tão feliz que não me lembro de nenhuma profissão que, nessa altura, quisesse ter. Passeava pela serra, ia para o rio, andava de bicicleta, tinha amigos, uns avós e uns pais magníficos. Correu bem, não tem história.

**Mas como é que nasce em Foz Côa?**

A minha mãe, que se chama Margarida, ▶



**INFÂNCIA** Até aos 6 anos, viveu com os pais em Cedovim, uma aldeia que a neve deixava incomunicável durante semanas



#### >> O FAZEDOR DE HISTÓRIAS

dava aulas numa escola primária ali perto, numa terra chamada Foz do Sabor. Nesse dia, ela atravessou o rio de barco e foi ter com os meus avós ao Pocinho. Ele era operário metalúrgico da CP e ela doméstica. Levaram-na para o hospital de Vila Nova de Foz Côa e eu nasci normalmente.

#### O seu pai já estava em Angola?

O meu pai, que se chama Francisco, era professor primário mas estava a fazer o serviço militar em Viseu. Foi para Luanda pouco depois de eu nascer. Até 1965, vivi com a minha mãe em Cedovim.

#### Portanto, ao contrário do que rezam as notas biográficas, não viveu no Pocinho.

Vivi entre Cedovim e o Pocinho. E até aos meus 17 ou 18 anos, o Pocinho era o meu universo, cumpria as minhas exigências de visão do mundo. Tinha o meu rio, o Douro, alguns amigos importantes, os meus avós. Eram grandes férias.

#### Porque os Viegas mudam-se para Chaves.

O meu pai regressa de África, ainda dá aulas em Cedovim, mas ele e a minha mãe queriam ir para uma cidade. Foi um choque. Eu tinha 6 anos e estava habituado a uma aldeia onde nevava e ficávamos incomunicáveis. Havia uma coisa lindíssima nisso: ao fim de duas semanas, chegava pelo correio um pacote enormíssimo com o *Jornal de Notícias*. Eram 15 edições! Foi o jornal por onde aprendi a ler, aos 4 anos.

#### Tínhamos, portanto, um menino-prodígio?

Não! Os meus pais eram professores, as letras não me eram estranhas. O meu pai lia o *JN* todos os dias, eu gostava das bandas desenhadas do *Dr. Kildare* e da *Lola*, via os desenhos e as letras. Um dia, comecei a ler os títulos do jornal.

#### Tem 4 anos quando acaba o seu reinado de filho único.

O meu pai vem de África e nasce a minha irmã Eleonora. Não foi nenhum choque. Dei-me sempre muito bem com ela. Hoje, é juíza do Supremo Tribunal Administrativo, em Lisboa.

#### Entretanto, começa a ler alguma coisa além de cabeçalhos de jornal?

Em Cedovim, havia coisas como a *Audácia [risos]*, que era a revista dos missionários combonianos, a *Fagulha*, da Mocidade Portuguesa, e os livros dos meus pais.

#### Os clássicos?

Com os clássicos comecei aos 10 ou 12 anos. Li o Júlio Diniz, de que gosto muito, o Eça, e dois livros marcantes para mim, do Camilo: o *Maria Moisés*, que se passava em Montalegre, muito chato, e *O Retrato de Ricardina*. E bastou o meu pai dizer para não ler *O Crime do Padre Amaro*...

#### Os seus pais eram conservadores?

Não. Deram-me uma educação liberal. Nunca houve indicações claras do tipo: o que tens de ler, o que tens de escolher, o que tens de fazer. Mas havia a noção da responsabilidade: o que tu es-

tudas é contigo, depois estamos cá para te avaliar.

#### Como era Chaves no final dos anos 70?

Era uma cidade especial, com biblioteca, muitas livrarias. Ao sábado, ia com um amigo, o Manel Francisco, decorar a montanha da Ana Maria. E fazíamos sugestões sobre os livros a pedir, guiados pelo *Bookcionário* do Fernando Assis Pacheco, n' *O Jornal*. Aliás, a minha primeira crítica literária foi dele, em 1978. Tínhamos um grupo que fazia edições policopiadas, os *Cadernos do Largo das Freiras*...

#### Que nome delicioso.

O Largo das Freiras era o centro de Chaves, onde ficava o café-bar Aurora e o liceu. Fizemos três ou quatro publicações





**RECUAR NO TEMPO**  
Teve uma infância tão feliz que não queria ser nada quando fosse grande. Foi parar a redacções de jornais e estúdios de televisão



e uma delas era um livrinho chamado *O Verão e Depois*, que enviei ao Assis Pacheco. Tornei-me uma celebridade na minha mesa de café só porque ele citou um poema meu, *Barcelona Sobre as Águas*.

#### Até aí a poesia ia toda para a gaveta?

Mostrava aos amigos e, sobretudo, às amigas. [risos] Até que, em 1977, a Escola Secundária Ferreira de Castro, em Oliveira de Azeméis, organizou um prémio nacional de literatura para estudantes. Concorri e ganhei o 1.º Prémio Ferreira de Castro, mas nunca me preocupei em publicar a não ser no ano seguinte. E tive logo a sorte de aparecer no *Bookcionário*, que foi culpado por duas semanas de vaidade absoluta. É preciso ver como era Chaves, na altura. Ao sábado, chegavam *O Jornal*, o *Diário de Lisboa* de quinta-feira que trazia uma página literária e o *Diário de Notícias* também de quinta-feira com o suplemento do Gaspar Simões.

#### Hoje não se acredita.

Para mim a grande revolução foi vir para a faculdade, em Lisboa, e à quinta-feira ler o Gaspar Simões e o suplemento de literatura do *DL*. Em Chaves tinha um ficheiro enorme de filmes, recortava as críticas publicadas na *Opção*, do Artur Portela, n' *O Jornal*, no *Expresso*, mas não vira nem um quarto deles. Quando cheguei cá e percebi que podia ver o Woody Allen no próprio mês...

#### E por que é que Lisboa ganha ao Porto?

Era em Lisboa que ia começar o curso que

queria. E havia mais meios para os meus pais me mandarem para cá. Vim para uma residência universitária na Madre Deus, onde ficavam os filhos dos professores.

#### Lisboa eram 23 paragens até à faculdade...

Vínhamos da província aterrorizados, julgávamos que Lisboa nos ia devorar porque era tudo muito difícil. Passei o primeiro ano a estudar, só fui três ou quatro vezes ao cinema. Não queríamos ser ultrapassados, tínhamos sotaque... Esse primeiro

### 'Até aos meus 17 ou 18 anos, o Pocinho ERA O MEU UNIVERSO, cumpria as minhas exigências de visão do mundo'

ano era também um ano de correcção do sotaque.

#### Como é que se corrige um sotaque?

Eu não corriji, comecei a falar assim, naturalmente. Chaves ficava a 12 horas de Lisboa. Era outro continente. De maneira que, quando tinha saudades, coisa que me acontecia muitas vezes, ia até à Praça da Alegria ver as pessoas que eu conhecia a chegarem no autocarro de Chaves.

#### Mas falava com elas?

Sabia que estavam ali e bastava-me.

#### E quando é que ultrapassa essa existência monacal e descobre Lisboa?

Quando vou viver com uma namorada, por acaso minha professora. Comecei, en-

tão, a ter uma vida normal de faculdade, ia aos concertos da Gulbenkian...

#### Era um dia-a-dia de tertúlias, em cafés?

Vivia sobretudo a faculdade. E depois vinha o Verão, o *inter-rail*, os passeios em Portugal. Tanto fazíamos o litoral alentejano a pé como íamos à ópera no Coliseu ou acampávamos no Gerês. E passávamos temporadas no Douro, na casa da minha namorada da altura, onde havia uma biblioteca espantosa com tudo o que era marcante no Antigo Regime.

#### E como é hoje a sua biblioteca?

Sempre foi muito anárquica, no sentido de interesses disparatados.

Sou do género compulsivo e obsessivo. [risos] Se tenho um período em que digo: Camilo – é Camilo e pronto. Não está organizada. Mas tenho uma estante com livros queridos, onde estão sempre o Borges, o Virgílio Ferreira, o John Le Carré...

#### Recuando aos seus tempos de Évora, é verdade que recusou dar aulas no Palácio da Inquisição?

Disse-lhes: ou mudam o nome ou mudam-me para outro lado. Fazia-me aflição aquele nome porque tinha lido o Borges Coelho e ficado impressionado. Não podia levar as pessoas a ler Ruy Belo, Camões, Cesário e filosofia da linguagem sem lhes dizer: aqui morreram pessoas, entraram mulheres que engravidaram, foram queimadas e os filhos também. ▶

## » O FAZEDOR DE HISTÓRIAS

**É aí que se interessa pelo judaísmo?**

Há uma fase de procura e de estudo que data dessa altura, embora sem muita convicção. Lia o George Steiner, achava que havia ali qualquer coisa, lia alguns portugueses, interessava-me. Mas hoje acho que não tem sentido a conversão porque os convertidos são sempre os piores.

**Não se converteu?**

O processo não ficou concluído.

**Estava à procura de si próprio? Teve a ver com o facto de fazer 40 anos?**

Provavelmente. Foi um momento importante da minha vida, de enriquecimento. Fiquei com uma frase fabulosa de um rabino que me orienta muito: «Nunca perguntes o caminho a quem o conhece pois de contrário não te poderás perder.» O judaísmo, enquanto cultura e referência, é muito importante para mim. Nasci em Foz Côa, terra de judeus, a minha avó fazia pão ázimo, era tradição. Mais do que tornar-me ortodoxo, definitivo, quis estudar. Tem a ver com procurar uma identidade e pôr-me ao seu lado por achar que faz sentido do ponto de vista histórico.

**A sua geografia sentimental, muito inscrita nos seus livros, leva-o sempre a Trás-os-Montes e ao Douro.**

Vivi aquela região sem preocupações, não vivi lá para escrever um livro. E por isso absorvi o respeito pelas florestas, a mania dos rios.

**E não se cansa de falar nos negrilhos...**

É como chamamos aos olmos.

**O Francisco é um transmontano que vai para o Alentejo, para Aviz...**

... e se sente bem. Como me sinto bem no Estoril [onde mora] ou em Salvador da Bahia [de onde regressou há um ano].

**Aos 40 anos, publicou uma antologia de poesia, *Metade da Vida*. Foi um balanço?**

Senti essa necessidade. Estava

a escrever de maneira diferente e, na verdade, já era metade da minha vida. Chegara o momento de arrumar os poemas.

**Porque diz que *Longe de Manaus* é um «policiaL com estados de alma»?**

Porque é a aventura de um personagem. Não me parece possível escrever ficção como gosto sem ter um personagem por quem me apaixonar.

**‘Quando tinha SAUDADES de Chaves ia à Praça da Alegria ver as pessoas que eu conhecia a chegarem no autocarro’****O Jaime Ramos é um alter-ego?**

Ele é um bocadinho como eu gostava de me ver, mas não é uma pessoa que viva por mim outras coisas. Vive a sua vida, só que não consigo libertar-me dele. É uma vida que gosto de observar. E há uma mediana que me agrada. É um pequeno-bur-

para me mostrar onde ia ser o pavilhão da Quirguízia. Quirguízia? Sim, quero matar alguém perto desse pavilhão porque é um país com azar. Tinha uma amiga tadjique que estava sempre a dizer mal dos quirguizes e pensei: vou fazer alguma coisa para salvar a honra deles!

**E volta à carga, no *Crime Capital*...**

Aí também me diverti imenso. Como se passa durante a Porto 2001, ponho a Teresa Lago a entrar no gabinete do Jaime Ramos quando ele está com um lápis a segurar uma calcinha e o Isaltino [ajudante do detective] a dizer: ‘Isso é modelo asa delta Dolce & Gabbana, chefe’.

**Ninguém se zangou?**

Não, mas uma vez encontrei a Teresa Patrício Gouveia e disse-lhe: prà semana a Te-

**COM SARAMAÇO Em casa do escritor, na Ericeira, no dia em que o futuro Nobel da Literatura deu por terminado o *Evangelho Segundo Jesus Cristo***

guês, gosta do Futebol Clube do Porto, de ir à pesca, de cozinhar, lê mais se o Inverno for comprido...

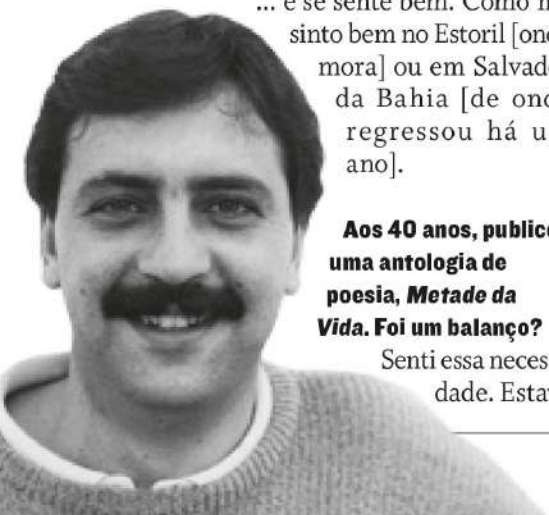
**O *Crime na Exposição* foi o livro que lhe deu mais gozo escrever?**

Foi aquele em que me diverti mais porque meto-me com o António Costa, o Marcelo, o Pacheco Pereira... Como o livro foi publicado em folhetins, no DN, há essas piscadelas de olho à realidade. Um dia, pedi ao João Paulo Velez [porta-voz da Expo'98]

resa vai aparecer. Não resisti a pôr o Jaime Ramos a ter uma paixoneta por ela. Ele é um melancólico com as senhoras...

**Ele ou o Francisco José Viegas?**

O Jaime Ramos nunca tem palavras de amor para a namorada ou acessos de romantismo. Uma parte de mim também é assim, céptico em relação às palavras.

**Tem uma memória de elefante ou tira notas sobre as personagens?**

» O FAZEDOR DE HISTÓRIAS

A princípio tinha fichas no computador mas agora uso cadernos. É engraçado, até já estou a escrever o novo livro à mão, com uma Artpen [da Rotring]. E tenho tudo apontado sobre o Jaime Ramos: quanto ganha, que roupa veste, em que carro anda, os livros que lê (que não são os meus)...

**E tem músicas para as personagens.**

Tenho uma banda sonora para cada uma. O Jaime Ramos é sempre a mesma: Van Morrison. Independentemente de ele gostar de boleros e de canções mexicanas.

**A Daniela de *Longe de Manaus* existe mesmo, não existe?**

Existe uma aproximação, sim.

**Foi uma paixão?**

Apaixonei-me realmente pela Daniela. Não sexualmente, não tinha nada a ver com o assunto. Além de ter aprendido com a Daniela propriamente dita [a mulher verdadeira], queria um olhar que alguma literatura heterossexual mais cavernícola não consegue ter. Queria apanhar o seu lado mais delicado, mas também o apetite sexual e aquilo que as mulheres

acabam por pensar dos homens. Como quando ela diz: «homem fica meio-babaca numa relação.»

**Só quem gosta muito de mulheres é que inventa uma Daniela destas.**

[risos] Bom, provavelmente... A certa altura tive dúvidas: será que ela pensaria isto? Vamos arriscar porque parece-me que sim, se eu fosse mulher teria esta sensação. Ela tem muito a ver com a deli-

das *calles* Defesa e Brasil... Era o café dos espíões da Segunda Guerra, e o Osvaldo Soriano escreveu lá um romance.

**Sente uma maior responsabilidade por causa do prémio?**

Nem sequer penso nisso. A primeira coisa que disse às pessoas que estavam comigo quando recebi a notícia foi: o País está louco. Deram-me o prémio a mim... O País está mesmo virado do avesso! De-



**AMIGOS**

«Eu na minha versão António Sala, com o Hermínio Monteiro [editor da Assírio&Alvim], no lançamento de um livro», recorda Francisco José Viegas

cadeza daquele linguajar. Escrevi directamente em português do Brasil. Pareceu-me mais apetitoso, aquela coisa de ela dizer: «Lembra do Bixiga, tem lá restaurante com chopinho cremoso...»

**Na génese desse romance houve uma notícia, não foi?**

Um dia, li no jornal que um homem tinha sido encontrado morto num apartamento, na temível rotunda de Santo Ovídio, no Porto. O homem ainda não fora identificado e achei espantoso haver uma pessoa sem identidade, num lugar sem identidade.

**Os seus romances têm sempre a ver com os lugares. Chega a um sítio e diz: isto dá uma história.**

Agora [o próximo livro] é mais a Argentina e a Terra do Fogo. Mas começa com um incêndio em Portugal, alguém passa e chama àquilo Terra de Fogo. Mas não posso contar mais...

**Anda entusiasmado com o livro?**

Claro. Agora, o Jaime Ramos está em Buenos Aires, no Café Britânico, na esquina

pois fiquei contente, claro. Ser premiado é bestial porque pelo menos os meus filhos vão pensar que não escrevo mal. E é uma certa confirmação.

**Ainda tem dúvidas?**

[risos] Não tenho dúvidas mas sou céptico. O prémio garante que aquele livro não estava mal esgalhado. Agradeço o prémio, sim senhora, mas a responsabilidade é a mesma. Não vou passar a fazer literatura. É isto que eu faço: histórias.

**Escreve para ser lido, por prazer, por ter «comichão nos dedos»?**

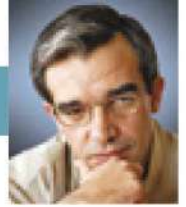
Dá-me gozo inventar histórias, brincar com personagens, pensar: que história é que isto poderia dar? Os jornalistas, os escritores, todos temos essa coisa: isto dava uma história. Se dava uma história, vou fazê-la.

**Escreve quando calha ou faz por ter tempo para escrever?**

Vou escrevendo quando posso e depois há uma fase em que digo: isto agora tem de ser acabado, e aí levanto-me às 4 da manhã e trabalho até às 10.

GONÇALO ROSA DA SILVA





&gt;&gt; O FAZEDOR DE HISTÓRIAS

### **Dai os posts A noite o que é?, no seu blogue? Não é por culpa de insónias?**

Também tenho insónias grandes. Mas no caso do *Longe de Manaus*, que foi o livro escrito em condições mais assustadoras, trabalhava até às seis da manhã, deitava-me, acordava ao meio-dia e continuava a escrever. Isto durante uns três meses.

### **No blogue há alguma exposição, embora não da vida privada. Fala duas ou três vezes dos filhos, de mulheres nunca...**

Em termos privados, defendo-me muito. Quando damos o nosso rosto ele gasta-se. Quando abrimos a porta uma vez, as pessoas instalam-se. Portanto, não se abre.

### **Este mês farta-se de publicar posts sobre futebol...**

Nem estou a ver muitos jogos do Mundial mas torço pelo Brasil, Portugal, Equador, Espanha. Não gosto de torcer pelas equipas grandes da Europa, não me inspiram. Na pequena equipa, há a virtude de sabermos que precisamos de educar o carácter na adversidade. Temos de saber reagir e o futebol pode dar uma lição, que é estarmos sujeitos à piada dos outros. Publicam uma coisa sobre mim e as pessoas perguntam-me: «Eh pá, não reages?» Não.

### **E porquê?**

Isto é mesmo assim. Agora, na blogosfera, houve comentários simpáticos mas também escreveram: ele ganhou o prémio porque é cavaquista. Eu que nem sou cavaquista! Mas essa desconfiança existe, o género humano não é perfeito, somos todos filhos da puta. Se não ficamos tranquilos em relação a isso, estamos sempre com úlceras.

### **Hoje, com esta bela vitelinha grelhada, não há perigo de úlceras...**

[risos] Ah, não tenho úlceras de nenhum género. E como muitas vezes coisas simples. Ser *gourmet* é massacrante porque exige um elevado grau de abstracção em relação às coisas reais, ao bife, ao arroz de tomate... O *gourmet* é chato, só pode ser *foie gras bla bla* e uva não sei o quê. A cozinha da minha avó era mais apetitosa do que ir ao... Eleven. Tem a ver com apêtitos, memórias, sabores. ■

# O grande plano

**N**OS GRANDES CICLOS DE pintura parietal e rupestre do Paleolítico – como nas grutas de Lascaux, Altamira, Cosquer ou Chauvet – encontro profundas analogias com o cinema: primeiro, porque tudo se passa no interior de uma «grande sala escura» que se supõe destinada à partilha e uso colectivos; depois, porque a representação, inscrita em grandes paredes convertidas em ecrãs, trabalha directamente a partir da emoção criada pela desproporção encenada da escala e do movimento (e é preciso imaginar a extrema agitação das grandes figuras de Lascaux, por exemplo, quando iluminadas pela luz móvel do fogo); finalmente, porque esse grande esforço artístico do homem paleolítico parece provir de um profundo sentimento de crença, de magia ou, talvez até, de certas formas primitivas de religião. Sendo muito aliciante, a comparação acaba, mesmo, por estimular outras associações: por exemplo, a que permite ligar as transformações das comunidades primitivas às promessas de regeneração inauguradas pela modernidade, da qual o cinema foi, pelas mesmas razões, um elemento fortemente catalisador.

**Apesar de todas** estas aproximações, existe, porém, entre a pintura das grutas e o cinema das salas uma importantíssima e sugestiva diferença: é que enquanto o cinema surge dominado, desde sempre, pela representação de homens e mulheres e pelo catálogo de possibilidades dramáticas que oferecem, o «cineasta do paleolítico» preferiu representar o mundo em que vivia eclipsando o homem dessa representação, com excepção de algumas (poucas) marcas características e muito assinaláveis:

a figura solitária do homem esquemático e invertido de Lascaux, as belíssimas «mãos negativas» – autênticas impressões digitais – que proliferam nos centros da cultura parietal e rupestre.

**Capaz de representar** com grande detalhe e dramatismo todas as outras criaturas vivas (num bestiário impressionante, com tigres, rinocerontes, touros, cavalos, veados...), o homem do paleolítico parece ter consciência – que se diria atravessada por uma profunda melancolia – do trágico isolamento em que irremediavelmente se encontra,

face ao movimento da vida que contempla em todas as outras espécies.

Tudo isto a propósito da descoberta, na gruta de Vilhonneur, do que se julga ser o primeiro grande plano da história da representação (com cerca de 30 mil anos). É uma representação sumária, fortemente estilizada: apenas três traços negros, sugerindo a boca e dois olhos fechados, que aproveitam os relevos

da rocha, pondo em evidência a sua aparência humana. Houve já quem tenha aproximado este retrato sepulcral (que acompanha os restos mortais de um jovem), ao modernismo de Picasso, Braque ou Modigliani. Mas independentemente das aproximações (mas, também, por causa delas), o que nele se vislumbra – na emoção que só um grande plano pode transmitir – parece transcender, deliberadamente, a simples fixação de uma aparência: é a procura de uma identidade, a interrogação icónica de uma nova natureza que, desprendida do homem físico, recebeu da história o nome (quicá impróprio e imerecido) de «humanidade». Ela aí está, então, a «nossa humanidade», plasmada na pedra de um «cinema» secreto, revelador e emocionante.



## Um «cinema» secreto, revelador e emocionante